
ENUNCIÇÃO

**Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da
UFRRJ**

A pergunta pela Linguagem

Affonso Henrique Vieira da Costa*
 <https://orcid.org/0000-0002-5620-4278>

Resumo: O artigo que tem como título “A pergunta pela linguagem” procura pensar desde experiência a unidade originária entre palavra e coisa.

Palavras-chave: Linguagem, Experiência, Palavra, Coisa

Abstract: The article which has as title “The question by the Language” seeks to think from experience to the original unity between word and thing.

Key-Words: Language, Experience, Word, Thing

A linguagem encontra os seus motivos até mesmo nos lances de silêncio.

(Carlos Drummond de Andrade)

I

As proposições relativas ao que vem a ser a linguagem podem nos conduzir a infinitos desencontros, pois, o mais das vezes, ao tentarmos dar conta de como com elas determinadas perguntas se impõem a cada um de nós, partimos frequentemente do que se acredita que ela (a linguagem) seja e, portanto, do próprio senso comum que se espria por

*Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ. Email: affonso.henrique@uol.com.br

todos os cantos confundindo-a com expressão, com comunicação, ou até mesmo com uma das qualidades que o homem traz consigo ao lado de tantas outras, fazendo-o diferir de outros seres dando-lhe a alcunha de racional. Mas será isto a linguagem?

Quando, por acaso, abrimos um poema de Drummond, como, por exemplo, “Especulações em torno da palavra homem”¹, sua primeira estrofe nos atordoia:

Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?

Qual a proveniência desse atordoamento? Será que ele se dá por acreditarmos que já sabíamos o que é o homem? E agora? Adentrando na série de interrogações expostas pelo poema de Drummond, saímos dele tomados pelas perguntas que passam a nos consumir, tais como esta, em outra de suas estrofes:

Por que não se cala,
se a mentira fala,
em tudo que sente?

E a pergunta pelo homem nos arrasta para o silêncio. Nesta altura do poema, começamos a nos perguntar de onde provém esta voz que nos atordoia e nos faz emudecer. Virá do poeta, dos confins mais recônditos de seu ser, deixando extravasar aquilo que vem do seu subconsciente, ou até mesmo de seu mais profundo interior? O que ele fala é algo que está dentro dele e que ele põe para fora? De todo modo é uma sensação estranha, pois, quando nos é vedada a fala, desde a leitura do poema, é como se todo um mundo não só fosse destruído, mas também outro fosse se reconstituindo desde certa esfera que nos foi trazida pela voz do poeta. Essa esfera, antecipamos aqui, é a região em que a fala da linguagem se destina, através das línguas, a nomear o real. Dizer, falar, é, sobretudo, reunir desde um sentido que carrega consigo o “é” de todas as coisas. É verdadeiramente estranho, pois ao se colocar em questão o que seja o humano ou o que sobre ele antes se tomava como certo e indubitável, cai-se num silêncio absurdo. Não só não sabemos mais o que seja o homem, como também parece que não temos mais palavras para nomeá-lo.

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008, pp. 295-299.

II

Estamos fazendo um esforço para dizer o que seja a linguagem. Partimos de um poema que coloca em questão o que é o homem. Pensamos no lugar de onde essa fala veio. Ela não nos parece ser algo que venha de dentro de um homem – o poeta – como a mais pura expressão de seus sentimentos e, a partir daí, põe-na para fora. Ficamos sem palavras para dizer o que seja o homem e, sobretudo, para dizer o que seja a linguagem, esta que, com sua fala, nomeia o real desde um sentido.

A impressão primeira que o poema nos passa é que ele é quem traz as questões para o poeta e para todos aqueles que o leem. Parece que não é o poeta que traz consigo a linguagem, mas sim a linguagem que toma conta do poeta e impõe a sua fala. Isso nos é transpassado pela última estrofe do mesmo poema apresentado anteriormente:

Que milagre é o homem?
Que sonho, que sombra?
Mas existe o homem?

O homem é um milagre. Ele está aí, mas poderia não estar. A última pergunta impõe ao leitor outra medida: Ser desde o milagre, entre toda a possibilidade de ser e de não ser, desde a dor que impõe questões, desalojando-o do senso comum, retirando todo solo firme, reconduzindo-o ao espaço de liberdade em que toda palavra é viva, recolhendo-o na dor que ele é e que trava a sua fala:

Mas que dor é homem?
Homem como pode
descobrir que dói?²

Na dor de ter de ser, de saber lidar consigo mesmo em sendo no mundo, o homem já é linguagem. Dor já é desde sempre ser no mundo, já é ser partícipe da eclosão de tudo o que é, ou seja, do aparecer disso mesmo que se chama homem e, com ele, tudo o que há e é. Trata-se da manifestação primeva da realidade no meio de toda a sua possibilidade de ser e de não ser. Dor é esse ver (ou poder ver) a eclosão, nomeá-la, dizer o que seja, trazer à

² *Idem, ibidem.*

palavra o ser desse aparecer, que na poética da criação precisa ser pensado como linguagem.

III

Para tentarmos mais alguns passos nessa empreitada, tomaremos um caminho que parte da fala do filósofo Martin Heidegger:

Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na *sua* fala e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem nos confie o seu modo de ser, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem.³

Pensemos: Fala da linguagem. A fala não produz a linguagem. Ela advém desta. A fala, de acordo com essa passagem do filósofo, não tem sua proveniência no homem, mas na linguagem. Somente porque habita na linguagem, o homem fala. A fala, com isso, não é o resultado fisiológico do aparelho sonoro que carregamos na boca, na garganta, ou de certo tipo de cordas vocais. Em silêncio, porque habita na linguagem, o homem fala. E até mesmo quando abre a boca para dizer alguma coisa, o que é dito pode ou não ser essencial, porque advém do silêncio abissal da linguagem que toma o seu ser. O homem também fala com os olhos, com a testa, com os pés, com todo o seu corpo. Ele está sempre dizendo algo, mesmo que não fale. É o que podemos observar, por exemplo, na carta encaminhada por Lord Chandos a seu amigo Francis Bacon, em 1603, em que explica o abandono de sua carreira promissora como escritor – trata-se de uma carta fictícia, elaborada por Hugo von Hofmannsthal e que veio a público em 1902.

IV

Nessa carta, Lord Chandos, em resposta ao amigo, diz não conseguir mais escrever, embora já fosse um escritor reconhecido por muitos, autor de vários escritos e com muitos

³ HEIDEGGER, Martin. *A linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003, p.9.

projetos pela frente. Por que não consegue mais escrever? O que aconteceu com ele? É o que tenta explicar ao amigo:

Gostaria de responder-lhe como você merece, mostrando-me inteiramente, mas não sei bem como fazê-lo. Nem sequer sei se ainda sou o mesmo para quem você enviou a sua carta; será que, agora com vinte e seis anos, ainda sou o mesmo homem que aos dezenove escreveu *A nova Paris, Sonho de Dafne, Epithalamium*, essas peças pastorais sustentadas sobre o brilho das palavras, que uma rainha divina e alguns lordes e senhores muito indulgentes são bondosos a ponto de ainda delas se recordarem?⁴

O que essa passagem nos revela é a estranheza em que Lord Chandos se encontra: ele não sabe se ainda é o mesmo homem que outrora convivia com o amigo, o mesmo homem que criou peças pastorais que ele não mais as reconhece como importantes, pois, na verdade, diz ele,

O que preciso expor-lhe é, no entanto, o meu íntimo, uma peculiaridade, um desajeito, se você preferir, uma doença do espírito, se você puder entender que um abismo sem ponte me separa desses meus trabalhos literários deixados para trás e frente aos quais sinto tanta estranheza que até hesito em considerá-los como meus.⁵

É preciso que se repita: “Um abismo sem ponte me separa desses meus trabalhos”. Ao longo da carta podemos perceber que tal abismo não foi colocado pelo seu remetente, não é ele quem recusa o que antes escreveu, mas uma força que é maior do que ele e que impõe a ele uma espécie de renúncia. Isso toma conta de todo o seu modo de ser, conduzindo-o a uma estranheza nunca antes pressentida, no interior da qual, em diversos momentos, falta-lhe até mesmo o ar. Trata-se de uma angústia terrível que o assola, afastando todas as coisas de si, pelo menos no modo como ele julgava que elas fossem e a ele se apresentassem. Como elas dele se afastaram, e ele mesmo não mais se reconhece como o homem que antes fora, ele também perde a fala, emudece, é tomado pelo silêncio da solidão da experiência que o abate. Diante dessa situação, diz ele:

⁴ HOFMANNSTHAL, H. v. “Uma carta”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010), p. 26.

⁵ *Idem, ibidem*

Em poucas palavras, meu caso é o seguinte: perdi inteiramente a capacidade de pensar ou dizer algo coerente a respeito de alguma coisa.⁶

E, mais adiante, continua:

...as palavras abstratas, que a língua precisa usar para trazer à luz algum tipo de juízo, desmanchavam-se na minha boca como cogumelos apodrecidos”⁷.

Que experiência é essa pela qual passa Lord Chandos e que trava a sua língua? Que experiência é essa que impõe a ele uma imensa solidão mesmo junto a outros como, por exemplo, a sua própria filha? Por que, através dela (da experiência), não mais consegue nomear as coisas como antes as nomeava? Em outras palavras: É essa experiência provocada talvez por uma doença psíquica que o torna incapaz de produzir algo novo e ainda rejeitar o que fez com muito esforço? Ou não seria o contrário: Ela (a experiência) é que o conduz a um lugar mais originário, nunca antes sequer pressentido, que exige dele, em cada momento, uma decisão? Esta última questão nos faz pensar na impossibilidade de retomada de sua vida no modo como antes era:

Mesmo nas conversas familiares e domésticas, os julgamentos e avaliações que se costumam proferir facilmente e com certeza quase que de sonâmbulo tornaram-se para mim tão questionáveis e estranhos que tive que parar de participar dessas conversas.⁸

Trata-se de uma experiência abissal, que o arrasta mesmo contra a sua vontade, por caminhos espinhosos, nos quais não adianta nenhum conhecimento já sabido, nenhuma representação do que sejam ou do que venham a ser as coisas. O real se desnudou à sua frente, trazendo sobre si sua substancialidade, que exige dele que ele venha a ser desde o recolhimento de seu dar-se, o que dispõe de sua solidão e impõe o seu silêncio. Encontra-se em jogo aí a possibilidade de vigência de mundo.

Nessa experiência em que a língua trava, dá-se a linguagem como retraimento de tudo o que é e há. As palavras mesmas perderam todo o sentido, já não dizem mais o que acreditava poder ser dito. Elas e as próprias coisas parecem ter se desencontrado. Não dá

⁶ *Idem*, p. 28.

⁷ *Idem*, p. 29.

⁸ *Idem*, *ibidem*.

mais para fazer uso delas no sentido de nomear as coisas. As próprias coisas se esfumaram no inominável. Por isso mesmo, confessa ao amigo que

Tudo se desintegrava em pedaços; pedaços em mais pedaços e nada mais conseguia ser abarcado por um conceito. As palavras isoladas inundavam-me; aglutinavam-se em olhos que me fitavam e para os quais me via obrigado também a fitar: turbilhões, são as palavras. Sentia vertigens ao olhar para elas, girando sem parar e através das quais só se consegue chegar ao vazio.⁹

Pois essa mesma experiência o conduz ao vazio em que ele se encontra. Diante disso, é preciso que se pergunte primeiro: O que é experiência?

V

Talvez consigamos responder essa pergunta pelo que Lord Chandos está passando. Digamos que ele está sendo atropelado por uma situação inesperada, que o toma de todo, que parece exigir dele mais do que ele pode dar. E o que é pior: não consegue mais ser como era antes. As coisas não só não aparecem mais para ele como ela as via, como também não tem mais palavras para nomear o que e como elas para ele se mostram agora. O seu recolhimento é uma exigência da experiência a qual foi lançado. Nele, ele renuncia ao que tomava como justo. Agora nada mais sabe do como tudo se ajusta. Ora ele é embalado pela fulguração de um novo aparecer, injustificado, ora é corroído pelo hálito severo do nada, que se impõe. Sobre o significado mais fundo de experiência, escreve Heidegger:

Fazer uma experiência com algo (...), significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. “Fazer” não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula.¹⁰

Não é Lord Chandos quem fez ou quem faz a experiência. Ela é que tomou conta dele, veio ao seu encontro, esperando que, de algum modo, venha ele harmonizar-se,

⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *A essência da linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 121.

sintonizar-se com ela, de maneira que possa vir à presença aquilo que pede para vir à presença.

A certa altura de seu livro *La idea de principio en Leibniz*, Ortega y Gasset procura pensar no sentido de experiência a partir da palavra grega *empeiria*, mais precisamente de sua raiz *per*, que se faz presente em perito, em experimentado, do que é hábil em muitas coisas. Também, segundo o filósofo, ela forma a palavra grega *peîra*, prova, perigo, risco. Também *peiro* dá origem a porto, porta, poros. O caminho, segundo ele, que leva ao porto, à saída, é o *opportunus*, a oportunidade. O equivalente a *per* no alemão é *fahr*. Daí *Er-fahrung*, experiência, e *fahren*, viajar. Por isso, Ortega conclui que

A nova ideia, que nos esclarece toda a série, é que em *per* se trata originariamente de viagem, de caminhar pelo mundo quando não havia caminhos, senão que toda viagem era mais ou menos desconhecida e perigosa. Era viajar por terras ignotas sem guia prévia, o *hodós* sem o *méthodos* ou guia.¹¹

Pois não é no caminho sem o método, no puro estar lançado na experiência da linguagem, no risco entre toda possibilidade de ser e de não ser, que se encontra Lord Chandos? Não é justamente aí, sem guia prévia, que ele é convidado a ser *um* com a experiência que lhe arranca as palavras? Esse ser para a experiência não é uma exigência para que, nesse estar lançado no mundo, possa vislumbrar o aparecer de todas as coisas desde outra região impossível de ser imaginada, representada? A exigência não é aquela que exige dele que se curve diante do sagrado, isto é, diante do vir a ser de tudo o que é? Ouçamos esta passagem do texto:

Desde então levo uma existência que você dificilmente poderia conceber. Sim, uma existência tão sem espírito, tão sem pensamento, quase sem nenhuma diferença da existência de meus vizinhos, de meus parentes e da maior parte dos nobres proprietários de terra deste reino, e que não é totalmente desprovida de momentos alegres e vivos. Não seria fácil para mim explicar a você em que consistem esses momentos, as palavras mais uma vez me deixam na mão. Mas algo inteiramente inominado e dificilmente nomeável revela-se para mim em tais momentos, preenchendo como uma jarra alguma manifestação do cotidiano que me cerca com um jato de vida mais elevada.¹²

¹¹ ORTEGA Y GASSET, José. *La idea de principio en Leibniz*. Madrid: Revista de Occidente, 1992, pp. 149-150.

¹² HOFMANNSTHAL, H. v. “Uma carta”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010), p. 30.

Ora, de que se trata esse “jato de vida mais elevada”? É estranho, porque isso só acontece justamente quando ele se descobre um nada, numa existência vazia – um oco. Aí, ao que parece, toda a maravilha se dá, principalmente nas pequeníssimas coisas, até então por ele desprezadas. Essas coisas ínfimas vêm à luz de maneira inusitada, carregando consigo todo um mundo. No entanto, essa riqueza, a proveniência do que advém, retrai-se, e para isso ele não tem nome, não consegue nomear, dizer para o amigo o que é.

Não posso esperar que você me compreenda sem um exemplo e devo desculpar-me por estes exemplos lamentáveis. Um regador, um ancinho abandonado no campo, um cachorro ao sol, um cemitério de igreja, um aleijado, uma pequenina casa de camponês, tudo isso pode se tornar a jarra de minha revelação. Cada um desses objetos e milhares de outros semelhantes, dos quais os olhos sem mais haveriam de se desviar com indiferença, podem subitamente, em qualquer momento que não se encontra de modo algum em meu poder, assumir um caráter tão sublime e comovente que as palavras parecem pobres demais para exprimir.¹³

Lord Chandos fala de outro lugar, por isso não sabe se seu amigo irá compreendê-lo. A sua solidão escancara nessa tentativa de explicar o que vê. Afinal, como entender a sublimidade nessas coisas tão corriqueiras? Mais ainda: Dizer que não possui palavras para dizer o que aí se afigura? Mas e se o problema for exatamente esse: Por que ele não possui palavras? O que aí se afigura?

VI

O fundo desde onde se movem essas interrogações talvez possa ser pensado a partir de uma passagem de Heidegger presente no texto “A linguagem”: Aí ele escreve:

A linguagem *fala*. Isso significa primeiro e antes de mais nada: *A linguagem fala*. A linguagem? Não o homem? O que a frase nos acena agora não será ainda mais provocador? Queremos negar o homem enquanto ser dotado de fala? De modo algum. Não negamos isso como também não negamos a possibilidade de subordinar os fenômenos da linguagem à rubrica ‘expressão’. Perguntamos então: em que medida fala o homem? Perguntamos: o que é falar?¹⁴

¹³ *Idem, ibidem.*

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *A linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003, p.15.

O tema desse trabalho é “A pergunta pela linguagem”. Estranho tema, pois pressupõe estarmos atrás da linguagem. No entanto, o que acontece com Lord Chandos, pelo que vimos até aqui, é que, inesperadamente, no retrair-se das palavras, de seu sentido, na total impossibilidade de usá-las como instrumento apartado das coisas e com uma finalidade objetiva, esse personagem de Hofmannsthal perde a fala. Ou melhor: o que diz, ou o que dizia, esvaziou-se, formando uma fissura entre o dito e as coisas. A impossibilidade de dizer no modo como o personagem dizia antes, não provém dele, mas de uma exigência da linguagem. Dessa exigência advém sua incapacidade de representar. Se anteriormente se procurava pela linguagem, agora é ela que se apresenta toda inteira.

Nesse sentido, mas já no âmbito dessa experiência, em um radical aprendizado com ela, Alberto Caeiro pode escrever:

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto,
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar de um corredor
Do pensamento para as palavras¹⁵

Isto significa: Enquanto Lord Chandos quiser explicar o que com ele acontece; enquanto ele quiser se justificar diante dos outros, tais explicações ou justificativas o afastarão da experiência em curso ou, o que se torna terrível, o isolarão ainda mais na experiência do vazio em que a linguagem o lança. A experiência exige que a palavra surja desde a linguagem, que ela possa dizer o é das coisas, por “não precisar de um corredor/Do pensamento para as palavras”.

A experiência da linguagem é aquela do dar-se das coisas, de sua exposição, de seu vir à luz, de seu aparecer. Com isso, pode-se dizer que a linguagem traz à luz o que antes aí não existia. Ela, tal como nos ensina Paul Klee, “não reproduz o visível, mas torna visível”.

Se há uma doença que acossa Lord Chandos, é aquela que o toca, atravessa-o (*páthos*), exigindo uma aprendizagem do olhar, de maneira que possa deter-se nas “grandezas do ínfimo”. O que ele padece é da necessidade de um olhar originário, ou seja, de dar vazão à criança que nele quer nascer e ver o mundo como se fosse pela primeira vez, em seu processo de nascividade e eclosão.

¹⁵ PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990, p. 225.

VII

No penúltimo parágrafo da carta, Lord Chandos escreve:

Foi uma grande generosidade sua exprimir a sua insatisfação com o fato de nenhum livro de minha autoria chegar mais às suas mãos e assim “compensar a falta de nossa amizade”. Sinto nesse instante uma certeza, que não exclui um sentimento de dor, a de que nos próximos e em todos os outros anos de minha vida não terei de escrever nenhum livro, seja em inglês, seja em latim. E isso por uma razão esdrúxula e embaraçosa para que devo deixar que a superioridade ilimitada de seu espírito encontre o devido lugar em meio às manifestações do corpo e do espírito: e isso porque a linguagem na qual eu seria capaz não só de escrever mas também de pensar não é nem o latim, nem o inglês, nem o italiano, nem o espanhol, mas uma linguagem na qual as coisas mudas por vezes falam para mim e na qual, e talvez só no túmulo, tenha de justificar-me diante de um juiz desconhecido.¹⁶

Observamos que, mais uma vez, o personagem de Hofmannsthal afirma ao amigo que não mais escreverá nenhum livro e isso, segundo ele, “não exclui um sentimento de dor”. A experiência em curso impõe a ele uma renúncia. Ele renuncia à literatura, à carreira literária. É impressionante ver em que medida essa renúncia se aproxima daquela presente no poema “A palavra”, de Stefan George, meditada por Heidegger em seu texto “A essência da linguagem”. Nele, os versos finais dizem:

Triste assim eu aprendi a renunciar:
Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar.¹⁷

O texto de Heidegger nos impõe pensar acerca da relação entre palavra e coisa, porém não como uma mera relação, mas a partir de uma instância em que ambas se dão desde sempre, trazendo consigo identidade e diferença, justamente no instante em que um mundo se dá, aparece. Trata-se de vislumbrar isso que podemos chamar de linguagem originária, onde o que é falado nomeia as coisas naquilo que elas mesmas são; onde o que é falado jamais faz uso das palavras como signos, ou ainda como instrumentos da expressão humana. Diferente disso (e porque também não abarcando isso?), as palavras surgem com o

¹⁶ HOFMANNSTHAL, H. v. “Uma carta”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010), p. 33.

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. *A essência da linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 124.

próprio é das coisas, com o mundo em seu processo de realização. Por isso Heidegger diz que esse último verso (de Stefan Georg) traz “à linguagem a palavra da linguagem e diz algo sobre a relação entre palavra e coisa” e, mais adiante, afirma que “É a palavra que confere ser às coisas”.

Entretanto, nesse conferir ser às coisas, o dito resguarda em todo o dizer o não dito. A linguagem, ao falar, recolhe-se enquanto linguagem. Daí o porquê de ela não se esgotar no falado. A fala da linguagem permanece em sua guarda toda vez que é proferida. Ir ao encontro do não dito em todo dizer é ir à fonte a partir da qual a linguagem emerge como linguagem, isto é, como doadora da palavra que diz o é de tudo o que é. O que se diz, portanto, é o próprio aparecer. Palavra e coisa são um só no aparecer daquilo que é. O dito não é, com isso, originariamente, nenhuma representação, assim como não é (ou não se resume e nem pode se resumir) uma simples expressão. O dizer/falar é o momento inaugural em que uma coisa vem à presença naquilo que ela é. O dizer é, assim, o próprio vir à presença. Nele a palavra é convocada, isto é, chamada ao dito junto com o aparecer da coisa, não havendo separação entre palavra e coisa. Esse instante de manifestação do que é, do real, é o que se chama de nomear.

Será que, em nos recolhendo no não dito de todo o dizer, no instante em que o nomear se dispõe, poderemos, então, pensar com mais radicalidade e de maneira mais responsável a pergunta pela linguagem? Em que medida, a partir do enfrentamento dessa questão, também não se abre a possibilidade para que a pergunta pelo que é o homem se instaure com todas as suas tensões e contradições? O passo para tais indagações, tal como foi apresentado provisoriamente neste pequeno trabalho, só poderá ser encaminhado se nos dispusermos, cada vez mais, a uma experiência originária em que tudo o que sabemos acerca da linguagem e do humano se esvaneça diante daquilo que, na própria experiência, exige de cada um o salto derradeiro para o interior de uma questão fundamental, no âmbito da qual nenhuma representação poderá nos auxiliar nesta empreitada em que somos lançados em direção ao desconhecido.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

VIEIRA DA COSTA, Affonso Henrique
A pergunta pela Linguagem

HEIDEGGER, Martin. *A essência da linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *A linguagem*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HOFMANNSTHAL, H. v. “Uma carta”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010).

ORTEGA Y GASSET, José. *La idea de principio em Leibniz*. Madrid: Revista de Occidente, 1992.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.

Recebido em: agosto de 2021
Aprovado em: setembro de 2021